



Relatório do Evento - 100 Dias de Trump e a Nova Geopolítica: O Brasil diante de China e EUA

Realização: 28/04/2025

Local: Escritório Pinheiro Neto Advogados – Rio de Janeiro

CENÁRIO GEOPOLÍTICO ATUAL

O retorno de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos marca uma mudança na política externa norte-americana, com ênfase no nacionalismo econômico e na adoção de ações unilaterais. O novo governo prioriza interesses domésticos, impactando o multilateralismo e o comércio internacional. Para o Brasil, essa configuração apresenta desafios, considerando a importância dos Estados Unidos como parceiro estratégico e o papel consolidado da China no comércio e nos investimentos em setores críticos.

Nos primeiros 100 dias de governo, Trump reforçou a percepção de mudança de polaridade no sistema internacional, reconhecendo a China e a Rússia como grandes potências além dos Estados Unidos. Esse entendimento orienta quatro movimentos principais com efeitos diretos para o Brasil:

- i) a implementação de barreiras tarifárias e restrições tecnológicas para conter o crescimento chinês;
- ii) a realocação do foco estratégico norte-americano para o Indo-Pacífico;
- iii) a retomada da lógica de esferas de influência nas Américas, buscando limitar a atuação de China e Rússia na região;

iv) o incentivo à inovação tecnológica doméstica para garantir vantagem competitiva.

No curto prazo, esses movimentos criam um cenário de incerteza para o Brasil, tanto no âmbito econômico quanto político.

TRANSFORMAÇÕES NO REGIME GLOBAL DE COMÉRCIO

Impactos da Política Tarifária Americana

A política comercial dos Estados Unidos avança de forma disruptiva, com o uso sistêmico e multifuncional das tarifas. As tarifas funcionam tanto para proteger setores estratégicos quanto para pressionar politicamente outros países.

O Brasil sente impactos em duas frentes. De um lado, o reflexo da desaceleração do comércio global e da alta de juros nos EUA sobre a economia brasileira. De outro, os efeitos diretos nas exportações para o mercado americano, em especial nos setores de aço, alumínio e autopeças, agora sujeitos a tarifas de até 25%, além de etanol, madeira, cimento e sucros.

Embora setores como petróleo bruto e aeronáutico sofram menos, a perda de competitividade é generalizada. A reconfiguração dos fluxos internacionais, com maior entrada de produtos asiáticos na América Latina e no Brasil, amplia a concorrência, pressionando ainda mais a indústria nacional. No primeiro governo Trump, esse movimento protecionista já havia aumentado o interesse de outros países em se aproximarem do Brasil e do Mercosul, algo que pode se repetir, mas em um cenário muito mais adverso.

Riscos Estratégicos e Oportunidades Limitadas

Apesar de uma janela de oportunidade pontual — com a imposição de tarifas adicionais à China, que pode abrir espaço para produtos brasileiros no mercado americano —, a avaliação é de que os riscos superam os ganhos potenciais.

O Brasil enfrenta uma alta dependência dos EUA tanto em exportações industriais quanto em investimentos, o que torna a vulnerabilidade ainda maior num ambiente de imprevisibilidade crescente. O uso da política comercial como ferramenta de pressão gera um grau de incerteza extremo, dificultando o planejamento de comércio exterior, investimentos e estratégias de internacionalização.

Setores de alta tecnologia e de aviação são particularmente expostos, com a ampliação dos controles sobre semicondutores e produtos sensíveis. A classificação do Brasil como país "intermediário" no acesso a semicondutores

CEBRI

prejudica projetos nacionais em data centers e energias renováveis. Além disso, a possibilidade de aumentar as exportações de commodities para a China — soja, carne, milho, algodão e açúcar — gera um paradoxo: o Brasil amplia suas vendas externas, mas se torna ainda mais dependente de um mercado concentrado, elevando riscos estruturais de longo prazo.

Necessidade de Reação Estratégica e Agenda de Diversificação

Internamente, cresce a pressão por retaliações contra os Estados Unidos, mas a resposta precisa ser calculada. O Brasil precisa priorizar a negociação ativa, evitando medidas imediatistas que poderiam agravar o cenário. Em paralelo, reforça-se a urgência de avançar com acordos estratégicos, como o firmado com a União Europeia, fundamentais para diversificar parcerias e reduzir a vulnerabilidade externa.

A fragilidade do sistema multilateral, com o enfraquecimento de instituições como a OMC e o G20, e o abandono de compromissos climáticos pelos EUA, impõem ao Brasil o desafio de buscar novos espaços internacionais. Embora o país tenha um diferencial na agenda verde, sua capacidade de liderança global sem o apoio dos Estados Unidos é limitada.

A estratégia brasileira precisa combinar agilidade diplomática, fortalecimento da competitividade interna e qualificação das exportações para enfrentar um cenário global de neoprotecionismo, instabilidade e competição ampliada.

ESTRATÉGIAS RECOMENDADAS

- Diversificar parcerias comerciais com prioridade para acordos como União Europeia, Canadá, Japão e Emirados Árabes;
- Incentivar a internacionalização de empresas brasileiras e a busca ativa por novos mercados na Ásia;
- Implementar monitoramento constante dos fluxos de comércio e reforçar rapidamente a defesa comercial contra desvios;
- Usar o mercado interno como principal trunfo para negociações internacionais, com abertura seletiva e estratégica;
- Manter cautela diplomática com os EUA e buscar avanços graduais sem entrar em confrontos diretos.

ESTRATÉGIAS DO BRASIL DIANTE DE CHINA E EUA

Embora o impacto de Trump na dinâmica global seja significativo, é importante manter o senso de proporção sobre sua capacidade real de transformação do sistema internacional. Trump atua como força disruptiva, gerando instabilidade e insegurança, mas sem oferecer uma alternativa de reorganização. Mesmo nos momentos de hegemonia máxima americana, como após a Segunda Guerra Mundial, a criação de instituições multilaterais exigiu consenso internacional — algo que Trump, ao adotar uma postura de confronto generalizado, se mostra incapaz de construir.

Ele aliena aliados e dificulta a liderança americana global. Apesar dos danos, Trump não consegue destruir sozinho o sistema: o comércio internacional permanece operando, com iniciativas como a negociação de livre comércio entre China, Japão e Coreia do Sul. A OMC ainda se mantém em funcionamento.

Na questão climática, mesmo com a retirada do Acordo de Paris, existem resistências internas nos EUA, como ações de estados e cidades. No entanto, a estratégia atual da administração é deliberadamente revolucionária: acelerar a adoção de medidas, provocar conflitos institucionais para expandir o poder executivo e operar em um ritmo de caos controlado, dificultando previsões tradicionais. A pressão contra Trump não vem de normas ou instituições, mas de centros de poder que ainda conseguem impor custos políticos ou econômicos a suas decisões. Isso cria um ambiente de altíssima volatilidade, onde a imprevisibilidade no processo decisório se transforma na nova regra.

Rivalidade EUA-China e Autonomia Brasileira

A rivalidade entre Estados Unidos e China não reproduz o modelo da Guerra Fria, pois hoje o conflito é menos ideológico e muito mais econômico, tecnológico e comercial. A China, como maior parceiro comercial de mais de 130 países, tem um peso global que a União Soviética nunca teve. A tentativa americana de pressionar parceiros a se desvincularem da China via tarifas ou acordos enfrenta resistências e efeitos limitados.

A disputa atual é um processo em andamento, com alto risco de má administração. O modelo mais comparável seria a transição entre Reino Unido e Estados Unidos no século XX, ainda que o risco de ruptura seja maior hoje. O cenário é agravado por uma estratégia americana cada vez mais baseada no poder, e não nas regras, com impactos diretos sobre alianças tradicionais, inclusive na relação com a Europa. Para o Brasil, a lógica da autonomia estratégica ganha ainda mais relevância: como na Guerra Fria, evitar o alinhamento automático e manter uma política de não-escolha se torna essencial, sobretudo porque o peso das relações econômicas com a

China é hoje decisivo. A necessidade de flexibilidade diplomática é reforçada pelo ambiente global de competição acirrada, onde as margens de erro são menores e as consequências mais rápidas.

Cenários de Crise e a Postura Brasileira

O multilateralismo vive uma crise profunda, intensificada pelas políticas disruptivas dos Estados Unidos, mas enraizada em transformações mais amplas. A ascensão do minilateralismo, com acordos informais e fragmentados, altera a lógica tradicional da governança global, exigindo do Brasil maior agilidade e capacidade de adaptação.

A vulnerabilidade brasileira se agrava diante de um cenário de pré-crise internacional, onde choques financeiros, volatilidade das *commodities*, desorganização nas cadeias produtivas e pressões inflacionárias globais são riscos concretos. A insistência americana em uma agenda de tarifas elevadas pode gerar recessão, pressão sobre fluxos de capitais e aumento da instabilidade política em várias regiões, incluindo Europa e América Latina.

Para o Brasil e suas empresas, é crucial estruturar estratégias de resiliência: diversificar fornecedores e mercados, reforçar cadeias de produção, proteger fontes de financiamento e manter uma postura de autonomia estratégica. No ambiente atual, é necessário planejar cenários de crise, trabalhar com diferentes hipóteses de ruptura sistêmica e preservar a capacidade de diálogo simultâneo com múltiplos polos de poder. A preparação para uma crise internacional não é opcional, e a resposta deve combinar realismo, agilidade diplomática e defesa ativa dos interesses nacionais em um cenário cada vez mais imprevisível e fragmentado.

ESTRATÉGIAS RECOMENDADAS

- **Diversificação e Fortalecimento das Cadeias Produtivas:** diversificar fornecedores e fortalecer a produção nacional para garantir estabilidade em crises.
- **Autonomia Estratégica e Preservação de Fontes de Financiamento:** preservar fontes de financiamento e decisão estratégica independente, assegurando soberania.
- **Planejamento para Cenários de Crises e Diplomacia Multipolar:** antecipar cenários de crise e manter diálogo com múltiplos pólos de poder global.
- **Resposta Eficiente a Crises Internacionais:** agir com pragmatismo e agilidade diplomática, defendendo os interesses nacionais.